

**MURILLO DE ARAGÃO**

Por Murillo de Aragão

✓ SEGUINDO

Brasil

Apagão das lideranças

O Brasil é refém do calendário eleitoral e de interesses subalternos

Por Murillo de Aragão

Atualizado em 12 set 2025, 11h46 - Publicado em 12 set 2025, 06h00



STF (Cristiano Mariz/.)



Ouvir texto ▶ ○

0:00 1.0x

É chover no molhado dizer que o Brasil atravessa uma quadra particularmente difícil. Ainda assim, há aspectos que merecem destaque. No plano interno, vivemos um conflito institucional em que os Três Poderes disputam prerrogativas e competências em intensidade crescente. No plano externo, enfrentamos uma tormenta geopolítica: pressões e expectativas ligadas ao Brics, críticas ao suposto protecionismo da política tarifária e as repercussões do julgamento dos envolvidos no 8 de Janeiro. Tudo isso se

soma a um ambiente econômico que cobra previsibilidade e recebe de volta instabilidade.

Mais grave do que os problemas é o pano de fundo que os alimenta: a fragilidade das lideranças, públicas e privadas. No setor público, demasiada energia se concentra na disputa por poder, na preservação de benefícios e na busca de vantagens eleitorais. O governo opera de forma fragmentada, com ministros mirando 2026 em vez de entregar no presente. Falta coesão, lealdade e foco em resultados; sobra cálculo de conveniência. A sobreposição de política de governo à política de Estado virou regra, ampliando a desconfiança e encurtando o horizonte do investimento.

No campo político, a prioridade já é a eleição vindoura, condicionando decisões do Executivo e do Legislativo. A pauta eleitoral se sobrepõe às necessidades estruturais enquanto questões críticas pressionam o país: a potencial crise fiscal, a insegurança pública e a agenda geopolítica. Sem coordenação, cada ator empurra seu pedaço de agenda, mas ninguém cuida da arquitetura do todo. Planejamento some; improviso toma o lugar. O curto prazo sequestra a narrativa e a ação.

“Faltam figuras que transcendam interesses imediatos e atuem em defesa do país”

No setor privado, o cenário tampouco anima. Salvo exceções, indústria, comércio e serviços carecem de vozes capazes de dialogar com o Estado em nome do interesse coletivo. A defesa se dispersa em pautas setoriais, não em uma agenda nacional. Só em crises agudas as lideranças civis se mobilizaram por soluções abrangentes. No restante do tempo, prevalece a leniência, a terceirização da política e a espera por “salvadores da pátria”.

Diante disso, acumulamos quatro dilemas simultâneos: (1) conflito institucional que faz do Judiciário a peça central da disputa entre Executivo e Legislativo; (2) lógica eleitoral que aprisiona a ação política ao curtíssimo prazo; (3) escalada da insegurança, com o crime organizado ocupando espaços do Estado; e (4) contencioso diplomático com os Estados Unidos que expõe vulnerabilidades e incerteza regulatória. Some-se a volatilidade normativa, que erode a confiança e encarece o custo do capital.

Nesse contexto, o apagão de lideranças passa quase despercebido. Faltam figuras que transcendam interesses imediatos e atuem em defesa do país. Liderar é arbitrar conflitos, construir consensos possíveis e entregar. Hoje, porém, a política recompensa quem cria ruído, não quem produz resultado. O país fica refém do calendário eleitoral e das tendências passageiras, enquanto problemas reais — produtividade, educação básica, infraestrutura, segurança jurídica e competitividade — seguem sem patrocinadores consistentes.


Publicado em VEJA de 12 de setembro de 2025, edição nº 2961

MAIS LIDAS

- 1** | **Cultura**
O fracasso na estreia de Boninho no SBT
- 2** | **Cultura**
A atriz que beijou Humberto Carrão em festa de 'Vale Tudo'
- 3** | **Economia**
Trump anuncia nova tarifa de 25% e leva disputa comercial para as estradas
- 4** | **Brasil**
Morre o empresário Alexandre Carvalho, uma semana após acidente doméstico
- 5** | **Brasil**
PF desmonta esquema milionário de corrupção na reconstrução do RS

ATENTADO DE 8 DE JANEIRO

POLÍTICA

 Assine Abril

Veja

Superinteressante